

Logbook

Junho 69

ALVARO MENDES



Cardoso brilha em Portugal & Sartre ganha processo contra diretor do Fakkel Theater que encenou As mãos sujas sem licença. Soljenitsyn tem menos sorte. M. Paul Morand é eleito para a Académie. E a foto do Corão não é sucesso mas nos pareceu bonita.

Livro
mostra
ficção
sutil

Nem o "furo", nem o recém-saído, será necessariamente encontrado neste roteiro: registro informal dos ventos e das marés, apontamento breve de publicações sem olhar a gênero, ou país, o repórter gostaria de se permitir a notação do que, dentro de certa ótica, mais lhe impressionasse a retina, em seu ofício de geógrafo desocupado.

Que Mercúrio, o de pés ligeiros, presida à nossa viagem.

PORTUGAL

José Cardoso Pires,
O Delfim, Moraes editores,
Lisboa, 1968

Vem das fileiras do neo-realismo — caracterizado, também em Portugal, por traços formalmente conservadores — este autor de meia-dúzia de livros tão pessoais, e que agora, com **O Delfim**, nos diz que devemos estar atentos. Na verdade, é uma atenção a posteriori (e por isso mais difícil) a que nos pede este autor de muitas máscaras e muitos recursos, que só parece usar a vontade de ser claro para

melhor nos iludir com sua evidente clareza, e arma seu jogo secreto (o jogo por dentro) à sombra relativamente segura assim obtida: a sombra das opiniões cristalizadas. Mas, para compreender o livro, de nada serve o apêlo a escolas (neo-realismo) nem a uma influência apontada: Hemingway. Já nos serve de muito uma admiração confessada: Roger Vailand; e nos serve ainda mais o seu notável ensaio/panfleto **A cartilha do marialva**, pendant teórico de **O Delfim** — estudos ágeis e superiormente elegantes do complexo de marialvismo português, ao nível coletivo, ontem com touros e vinho, hoje com wisky e Jaguar, que preside à mentalidade familiar da ilustre casa lusitana. Isto quanto ao tema, ou pretexto, que **O Delfim** desenvolve agora sob forma romanesca. Mas quanto ao próprio livro, só há um jeito: ler. E enquanto eu lia, fiz para mim mesmo as seguintes anotações: a primeira coisa que impressiona é ser o romance fruto de um espírito civilizado (tal como o entendia a grande tradição libertina), quer dizer, que procura compreender, prever e controlar o destino mediante o contínuo recurso à razão, e recusa do desconhecido; ausência de mitos, a não ser os voluntariamente criados como tática provisória; fuga ao grandiloquente; nenhum drama. Ao nível das palavras, um estilo rápido, seco; ardente, ansioso, gênero grande arte da conversação, mas uma conversa que sabe estar sendo escrita; um modo de se colocar em cada palavra e na combinação delas, não se deixando absorver por elas: resulta uma impressão forte de inteligência raciocinadora, um sugerir de não sei que ludismo superior, marca segura de um escritor na posse de muitos recursos; resulta, às vezes, uma espécie de vertigem ao arbitrário, dessas que nos dão tôdas as obras que parecem ser mais do que elas mesmas — sinais de um espírito generalizador que, por acaso, encarnou ali.

O DELFIM, A MAIS RECENTE OBRA DE JOSÉ CARDOSO PIRES, É SUCESSO DE VENDA E CRÍTICA EM PORTUGAL E VAI SER LANÇADA TAMBÉM PARA OS FRANCESES